

*Adeus à viralatice:***o filme *Isto é Pelé* (1974), o futebol e a ditadura****LUIZ CARLOS RIBEIRO DE SANT'ANA¹****Introdução**

Neste texto trataremos de obra sobre o nome máximo do futebol; sobre aquele que anos mais tarde seria eleito o “atleta do século”². Podemos dizer, junto com Luiz Oricchio, que até “o lançamento de *Pelé Eterno*, de Anibal Massaini, em 2004”, *Isto é Pelé* constituía-se no “mais completo registro da carreira do maior jogador de todos os tempos” (2006, p. 157). Aliás, a relação entre Edson Arantes (e principalmente de seu alter ego³) com a sétima arte, é prolixa. Felizmente o professor Victor Melo inventariou as atuações fílmicas do craque, classificando a participação de Pelé em filmes em quatro rubricas agrupadoras: uma na qual o motivo principal é sua carreira e/ou figura; outra na qual Pelé representou o próprio papel ou de jogador, no contexto de uma ficção; uma terceira em que atuou como ator em enredo não ligado ao futebol e, finalmente, quando esteve representado como mais um dos personagens. O resultado perfaz “um total de vinte e quatro filmes (dezessete longas e sete curtas)”. É uma filmografia considerável (2009 (c), p. 230)⁴. E a aventura fílmica do

¹ Este texto é parte integrante de pesquisa de doutorado intitulada: O Futebol nas telas: um estudo sobre as relações entre filmes que tematizaram o futebol, duas ditaduras e promessas de modernidade, no Brasil e na Espanha 1964/1975, desenvolvida na UFRJ/IFCS, Programa de Pós graduação em História Comparada (PPGHC) e orientada pelo professor Dr. Victor Andrade Melo. Aproveitamos para agradecer à CAPES pelo concessão de bolsa sanduíche para pesquisa em Madrid, no primeiro semestre de 2012.

² “No dia 15 de maio de 1981, o jornal francês *L'équipe* concedeu a Pelé o título de Atleta do Século, numa pesquisa feita junto aos vinte mais importantes jornais do mundo. Ele teve 178 votos contra 169 do segundo colocado, o corredor norte-americano Jesse Owens, medalha de ouro nas Olimpíadas de 1936, em Berlim. A taça, de bronze, tem 80 centímetros e pesa 23 kg”. Disponível em <http://www.campeoesdofutebol.com.br/pele.html>. Consultado em 02 de janeiro de 2013.

³ Wladimir Paulino esclarece: “Ao longo da carreira, o mito solidificou-se e suplantou o homem Édson - é assim que prefere ser chamado. Quando a bola parou de rolar, o próprio homem tratou de alimentar o mito, referindo-se a si mesmo como outra pessoa. Talvez seja por isso e, obviamente, por tudo o mais, que resolveram chamá-lo de rei”. **Especial UOL: Pelé 70 anos de um reinado**. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/JC/sites/pele-70anos/index.html>. Consultado em 03 de janeiro de 2013.

⁴ Vamos relacionar os longas-metragens, na ordem da classificação proposta pelo professor Victor Melo, para informação e registro. Motivo principal na Carreira ou figura: *Rei Pelé* (1963), *Isto é Pelé* (1974), *Pelé eterno* (2004); representando o próprio papel ou de jogador (ficção): *O preço da vitória* (1958), *Brasil verdade* (1968), *É Simonal* (1970), *O barão Otelo no barato dos milhões* (1971), *Os trombadinhas* (1979), *Pedro Mico* (1985), *Os trapalhões e o rei do futebol* (1986); atuando em enredo não ligado ao futebol: *Primeiro de Abril, Brasil*

supercraque não acabou. Em 8 de agosto de 2012, a produtora *Imagine Entertainment*, responsável por “filmes como *Uma Mente Brilhante*, ganhador do Oscar em 2002”, anunciou que “filmará um longa-metragem sobre a vida do jogador brasileiro Pelé”. A previsão de lançamento é para 2014, antes da Copa no Brasil⁵.

Essa marcante presença de Pelé na cinematografia atesta a popularidade incomum atingida pelo mito. Para além da famosa história, segundo a qual o próprio ex-atleta teria afirmado ser mais conhecido que Jesus, reeditando declaração de John Lenon em relação aos Beatles, nos idos de 60⁶, há, no meio da propaganda, um fenômeno Pelé. A *International Advertising Association* divulgou que o rosto do ex-jogador seria “ímbatível em número de aparições em peças publicitárias em todo o mundo”, por conta disso agraciou o craque com um informal “atestado de ‘Garoto-Propaganda do Século’”. Um artigo da seção Negócios da *Istoédinheiro* calculava, em 2002, que os rendimentos anuais de Pelé superavam os US\$ 15 milhões e listava em sua carteira de clientes empresas como “Mastercard, Nokia, Coca-Cola e as brasileiras Petrobras, Vitasay (vitaminas), Probel (colchões) e Golden Cross”⁷.

(1989) e *Solidão* (1989); foi representado como mais um dos personagens: *Saravá, Brasil dos mil espíritos* (1971), *70 anos de Brasil* (1972), *Passe Livre* (1974), *Futebol Total* (1974) e *História do Brasil* (1975) - 2009 (c), p. 230.

⁵ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1133794-produtora-de-uma-mente-brilhante-filmara-a-vida-de-pele.shtml>. Datado de 08 de agosto de 2012. Consultado em 02 de janeiro de 2013.

⁶ Disponível em: http://www.sobrenatural.org/materia/detalhar/4399/pele_x_jesus/. Consultado em 03 de janeiro de 2013. Não conseguimos confirmar essa informação em uma segunda fonte de origem distinta, não obstante, constatamos a relativamente ampla divulgação da mesma em 2005. Para nossos fins é suficiente que tal notícia desperte algum grau de verossimilhança. Queremos apenas ressaltar o nível de amplitude e internacionalização do nome Pelé.

⁷ Pelé, garoto propaganda do século. Disponível em: http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/10683_PELÉ+GAROTOPROPAGANDA+DO+SECULO. Consultado em 03 de janeiro de 2013. Uma rápida busca pela internet demonstra que o “garoto” propaganda Pelé continua em franca atividade. Um de seus últimos contratos foi com a Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil; campanha nacional que já foi ao ar. Ver <http://agricultura.ruralbr.com.br/noticia/2012/09/pele-sera-garoto-propaganda-de-campanha-da-cna-3896933.html>. Consultado em 03 de janeiro de 2013.

A magnitude do nome, figura, mito Pelé é, portanto, indiscutível. O caráter de constructo dessa operação não deve minimizar os elementos de uma trajetória efetiva que, poucos podem duvidar, qualifica o jogador para o papel de personificação desse exercício monárquico desportivo moderno. Em uma brevíssima súpula, podemos lembrar os 10 títulos paulistas pelo Santos (sendo Pelé o artilheiro do campeonato por 11 vezes; 9 delas consecutivamente), o bicampeonato da Taça Libertadores e do Mundial Interclubes (1962 e 1963); os três títulos mundiais pela Seleção Brasileira. Vale destacar ainda as 1.375 partidas nas quais marcou 1.285 gols, ao longo de 21 anos de carreira. Isso implica a média de 0,93 gols por partida!⁸. Sem adentrarmos em uma aproximação qualitativa, da técnica e recursos demonstrados, a extensão no tempo, a regularidade espantosa e a eficiência a toda prova se mostram, no conjunto, insuperáveis. Na sequência, vamos ver como os homens de cinema equacionaram a exibição fílmica do reinado de Pelé que, em 1974, ano de feitura da fita, dizia adeus, em grandioso estilo, a sua participação oficial pela Seleção Nacional.

O Lugar cinematográfico da fita (*Isto é Pelé*, 1974)

Luiz Carlos Barreto apresenta uma indiscutível presença no cinema nacional, fundamentalmente como um grande produtor. Na função de direção, no entanto, Luiz Carlos somente tem um trabalho assinado, exatamente *Isto é Pelé*, em parceria com Eduardo Escorel. Nesse empreendimento, Barreto também foi co-produtor, com Carlos Niemayer⁹. Escorel, por seu turno, acumulou o trabalho de edição, sua especialidade, a qual já emprestou seu talento a mais de 32 películas, tais como *Macunaíma* (1969), *Cabra marcado pra morrer* (1985), *Santiago* (2007) etc. Na tarefa de direção Escorel é bem mais experiente que Luiz Carlos, já

⁸ Há variações nesses números. Referem-se à consideração ou não de alguns jogos, aos gols feitos por Pelé no time do Exército etc. Uma listagem dos 1.375 jogos, com placar geral e registro dos 1.285 tentos marcados pelo artilheiro pode ser encontrada em http://www.campeoesdofutebol.com.br/pele_jogos.html (consultado em 03 de janeiro de 2013). Para outras fontes, inclusive com pequenas variações, ver João Máximo e Marcos Castro (2011, p. 297-300) e <http://almanaque.folha.uol.com.br/quizes/biopele.shtml>. Consultado em 10 de maio de 2010.

⁹ Isso certamente facilitou a utilização de “material do arquivo do Canal 100 e da TV Globo”; a Globo foi parceira nessa produção. Consultar o verbete do filme no dicionário de Silva Neto (2002, p. 438-39).

tendo tido dez filmes sob sua batuta direta¹⁰. Talvez o mais significativo para os nossos fins, seja observar o envolvimento não casual com o futebol (com o lidar com a transformação desse esporte em temática fílmica) por parte de Luiz Carlos Barreto. Em entrevista concedida ao jornalista Luiz Oricchio, Barreto sumaria sua aventura cinematográfica-futebolística, lembrando que, além de *Isto é Pelé*, também produziu e colaborou no roteiro e segunda unidade de câmara em *Garrincha, Alegria do Povo* e produziu os seguintes filmes: o documentário *Mané Garrincha*, de seu filho Fabio, *Uma Aventura do Zico*, de Antônio Carlos Fontoura e *O Casamento de Romeu e Julieta*, de seu outro rebento, Bruno Barreto (ORICCHIO, 2006, p. 334).

Isto é Pelé, ademais, tem um lugar especial em relação à receptividade alcançada. Silva Neto registra o público pagante em 738.728 pessoas (2002, p.438-439). Esse resultado, para um documentário, no Brasil, já configuraria um grande sucesso, porém há mais dados. A Agência Nacional de Cinema (ANCINE), apesar da precariedade de informações e estatísticas, principalmente para períodos um pouco mais afastados no tempo, divulgou uma preciosa lista com os filmes nacionais (449 no total) com bilheteria acima de 500 mil espectadores, de 1970 a 2011. Nela podemos encontrar *Isto é Pelé* na 196ª posição, com uma assistência ainda maior que a registrada por Silva Neto: 1.029.452 mirões¹¹. Se levarmos em conta que na transformação da película para videocassete esse título foi um grande êxito da Globovídeo, na década de 1980, com 15.000 cópias vendidas até setembro de 1988, chegamos ao termo de uma empreitada comercial e de público bastante favorável¹².

Uma das apostas explicativas para essa resposta extremamente positiva, principalmente quando do lançamento da película, é arriscada por Marco Antonio Resende,

¹⁰ Sobre ambos, Luiz Carlos e Eduardo Escorel, pode-se consultar o site do IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/name/nm0057027/> & http://www.imdb.com/name/nm0260408/?ref_=fn_al_nm_1. Consultado em 04 de janeiro de 2013.

¹¹ Disponível em: <http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/DadosMercado/2105.pdf>. Consultado em 03 de janeiro de 2013.

¹² Fredda brusca – Globovídeo é extinta como empresa independente. Matéria da **Revista Veja**, 7 de setembro de 1988, p. 92. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Consultado em 29/09/2012.

quando afirma que o documentário foi disponibilizado “com raro senso de oportunidade, nas vésperas da décima copa Mundial de Futebol”. Para além disso, seus criadores teriam acertado ao proporcionar que, “durante 68 minutos, o espectador se banhe em mais de cem gols históricos feitos pelo Rei do futebol”. Na opinião do jornalista, trata-se “(...) de um documentário emocionante, repleto de nostálgicas situações”. O tom crítico fica pela ausência do Rei “em casa, com a família ou conversando com os amigos”. Ou seja, “(...) focalizando apenas o artilheiro Pelé”, faltaria “a dimensão humana”, encontrada, por exemplo, no “excelente ‘Garrincha, alegria do povo’”¹³. Nesse aspecto, Marco Resende é acompanhado, doze anos mais tarde, pelo editor de uma matéria publicada na própria *Veja*, por ocasião da chegada ao mercado de novos vídeos cassetes de filmes nacionais. Mais uma vez, a fita de Eduardo Scorel e Luiz Carlos Barreto é comparada a de Joaquim Pedro de Andrade, que acabava de ser lançada pela Globovídeo. Na reportagem se lê que os respectivos filmes somente têm em comum o “rótulo de documentário”. Vejamos:

Pelé e Garrincha compartilham apenas o rótulo de documentário, pois são fitas bastante diferentes. (...) Isto é Pelé é uma antologia monumental de gols, dribles e passes brilhantes do rei do futebol. (...) num ritmo de dois gols por minuto. Sente-se falta na fita, porém, de informações básicas. São apresentadas sequências de jogos sem que se diga quais times estão no campo, não se explica em detalhes como Pelé aprendeu a jogar e nem se fala que seu nome verdadeiro é Édson Arantes do Nascimento e que ele nasceu em Minas Gerais (...). Com isso, Isto é Pelé parece uma avalanche de jogadas, inesquecíveis, mas desordenadas. O espectador deixa o vídeo com a confirmação de que Pelé era um gênio do futebol, mas sem saber quem é o homem Pelé. Em Garrincha, Alegria do Povo, ao contrário, há muitos dados sobre o homem Manoel Francisco dos Santos e pouco do futebol de Mané Garrincha¹⁴.

De modo simplista (e não era mesmo o caso de rebuscamento, em um texto quase de divulgação comercial) é feita uma distinção entre as referidas obras, as quais, de fato, possuem linhagem, natureza e proposições cinematográficas bastante diversas. As observações para *Isto é Pelé*, no entanto, resumem de forma minimamente adequada uma

¹³ RESENDE, Marco Antônio. Nostalgia de Gols. **Revista Veja**. Edição 298. 22 de maio de 1974, pág. 76. Acervo Digital. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Consultado em 29/09/2012.

¹⁴ **Revista Veja**, 09 de abril de 1986, p. 13. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Consultado em 03 de janeiro de 2013. Grifo nosso.

apresentação da película, e por isso foram citadas: exploração do espetáculo imagético proporcionado pela carreira do Rei-atleta; seu quase nenhum outro investimento, ou mesmo atenção, a registro de elementos biográficos básicos e, menos ainda, a qualquer viés de desenvolvimento sociológico. Uma observação mais acurada, é claro, pode permitir o desdobramento de vínculos e diálogos mais ou menos explícitos com o meio político e cultural circundante, mas disso trataremos nas próximas páginas. Uma curiosidade em relação à ‘reclamação’ exposta acima seria saber/entender, como se poderia “explicar em detalhes como Pelé aprendeu a jogar”... E isso lá é possível? Vamos seguir.

Luiz Oricchio, nosso quase solitário interlocutor mais direto, por sua vez, arrisca mais uma explicação para a boa aceitação da película:

Isto é Pelé conserva um esquema formal parecido ao de um programa para televisão, inclusive com a locução de Sérgio Chapelin, conhecido profissional da TV Globo, lendo texto de Paulo Mendes Campos (2006, p. 157).

Isto é Pelé, o filme (a narrativa específica dessa obra singular)

A narrativa dessa película se inicia com a despedida de Pelé da Seleção, no Maracanã, em 18 de julho de 1971. Do ‘fim’ parte para o ‘começo’, na Suécia, em 1958, e explica-se: essa jornada “veria nascer o jogador mais completo que já se vira jogar”. Pois bem, sinteticamente a narrativa trata exatamente desse percurso, cujo fim, de antemão, sabemos apoteótico. A partir da afirmação acima, dá-se um corte e podemos ver Pelé treinando (uma imagem constante dali em diante). O jogador aparece desempenhando *performances* em várias modalidades: vôlei, arremesso de dardo, basquete, arremesso de disco... Em *off*, ouvimos:

capaz de se destacar em qualquer modalidade de esporte ou atletismo, foi no futebol que encontrou a possibilidade de se realizar plenamente como atleta. Dotado de coordenação muscular perfeita [aparece saltando numa corrida de obstáculos] e de reflexos instantâneos, comprovou ao longo de sua carreira que o futebol não é apenas improvisação. Aprimorou seus recursos naturais com obstinação (grifo nosso).

Mais à frente, Pelé aparece como professor dos meninos da Vila Belmiro. Ensina a bater com a esquerda, cabecear, matar no peito etc. Pelé também é colocado ao lado de grandes personalidades da época. Em sequências “em meio ao assédio dos fãs”, afirma-se que “uma benção (...) foi especial”: tratar-se-ia de um encontro do Rei com o papa, o qual é mostrado por intermédio de uma foto. Aqui nos reencontramos com as observações da imprensa que reproduzimos acima. Nesse caso, como em vários outros, não há nenhuma indicação do filme sobre lugares, personagens, situações. Tudo leva a crer, no entanto, que se trate de Paulo VI (pontífice de 1963 a 1978). Músicas também são utilizadas e não constam dos créditos¹⁵. Continuando o rol de personalidades ilustres que se deleitam com a presença do jogador, temos, a partir de tomadas aéreas do Maracanã, que vão aos poucos precisando personagens presentes ao estádio, o esclarecimento de que “rainhas e estadistas sobem à tribuna para ver jogar o rei do futebol”. Aqui, mesmo sem legendas ou ajuda da narração, podemos distinguir claramente a monarca da Inglaterra, rainha Elizabeth, e o então senador republicano, Robert Kennedy¹⁶. Este último, então, é enquadrado em plano médio, aplaudindo efusivamente um gol de Pelé (é o que se supõe) mostrado na cena imediatamente anterior. Sergio Chapelin esclarece: “Todos rendem-se ao seu gênio”. Logo em seguida, noutra situação, com Pelé em roupas civis, o atleta aparece cercado de fãs (estrangeiros ao que se presume; balbuciam algo em italiano) e o narrador arremata: “Todas as línguas falam da glória de Pelé”.

O enredo, portanto, é simples. Em uma exposição não retilinearmente cronológica, praticamente utilizando-se do recurso de um grande *flash back*, inicia-se com a despedida de Pelé da seleção, consagrado. Desse resultado se retrocede à estreia do craque em uma Copa do mundo (1958), defendendo o escrete brasileiro. O desfecho é uma volta à origem narrativa, ao

¹⁵ Pudemos identificar “Escola de Feola”, de autoria de Luiz Queiroga, do ano de 1958 e uma outra, provavelmente a composição intitulada “O nosso dia chegou”, de Osvaldo Rodrigues e Alfredo Borba, do mesmo ano.

¹⁶ (...) líderes dos EUA que visitaram o Brasil. Disponível em: <http://noticias.r7.com/internacional/fotos/veja-outras-lideres-dos-eua-que-visitaram-o-brasil-20110320-6.html>. Consultado em 04 de janeiro de 2013. Por essa fonte podemos datar o encontro em novembro de 1965.

ponto de partida fílmico, retomando as sequências de um Maracanã lotado e, em uníssono, clamando: “Fica, fica, fica...”. Temos, no entremeio, a exaltação imagética e textual de uma carreira vitoriosa, na qual o talento se une ao treino e aperfeiçoamento contínuos, resultando em um supercraque; sua superioridade o eleva à categoria de Rei, cuja corte extrapola as fronteiras nacionais, fazendo-se reconhecer por demais membros da nobreza (nada menos que a rainha da Inglaterra), personalidades internacionais (o lendário senador americano, o papa) e por toda a gente comum. *Isto é o documentário* (uma síntese, espero, razoável).

O papel do futebol na tela de *Isto é Pelé*

Na película de Barreto e Escorel, o futebol em si (e o respectivo virtuose homenageado) é a atração central. Podemos notar uma preocupação estética na exibição do futebol filmado, marca e responsabilidade não exclusiva, mas relevante, da participação e colaboração do Canal 100 e de Carlos Niemeyer. A própria narração fílmica indica, logo no início, do que se trata o espetáculo que se descortina:

Ao preparar-se para abandonar o futebol, Pelé deixa como legado as imagens de um repertório de jogadas que só ele seria capaz de executar.

É parte desse legado que vai ser exposto ao longo dos 110 minutos da fita. Diferentemente de outras obras, porém, não se pode constatar afirmação expressa sobre as potencialidades sociais ou de qualquer outra natureza sobre o futebol. Não obstante, e isso é o que tentaremos demonstrar na seção seguinte e final, esse desporto, no filme sobre o Rei, assume um caráter/função muito mais amplo. O futebol, sob uma versão filmada do internacional reinado de Pelé, sugere muito mais do que possamos imaginar em uma visão mais rápida.

Quanto ao lugar de produção de *Isto é Pelé*

Engana-se o analista que queira fincar *Isto é Pelé*, de 1974, no âmbito de uma possível nova conjuntura, marcada pelos anúncios de abertura, a partir do governo Geisel e de suposta desconfiança pelo pretense desgaste do modelo econômico. Não devemos fazê-lo. Tanto por

elementos externos à produção da película, quanto pelo teor interno à narrativa fílmica apresentada.

O lançamento do filme de Escorel e Barreto acontece em 13 de maio de 1974, visando, como apontamos acima, usufruir da expectativa e clima da Copa do mundo da Alemanha, que se avizinhava. Ora, não foi possível obter mais detalhes sobre o período e o tempo total demandado para a produção, finalização e disponibilização da fita no mercado, mas somos obrigados a colocá-la, pelo menos, em alguns meses antes de maio. Pelo menos. A posse de Ernesto Geisel e a geração de expectativas (ou dissabores) decorrentes, se dá em 15 de março de 1974, há praticamente dois meses exatos da primeira exibição do filme, muito provavelmente depois, inclusive, da sua finalização¹⁷. O único grande evento de real abalo e preocupação prognóstica anterior se deveu ao choque do petróleo, que desde outubro de 1973 forçou sua entrada ruidosa na pauta político-econômica, do Brasil e do mundo¹⁸. Tenhamos em mente que nesse mesmo ano de 1973 o PIB brasileiro foi de 14% (o maior de toda a série histórica registrada, até a atualidade) e o do ano corrente ao lançamento de *Isto é Pelé*, um resultado que somente seria do conhecimento dos contemporâneos em 1975, ainda seria superior a 8% (muito próximo à incrível média obtida entre 1968 e 1973)¹⁹. Retomemos agora a estrutura e discurso cinematográfico de *Isto é Pelé*.

Conforme nossa própria exposição anterior, podemos sintetizar a proposta narrativa da película como a apresentação de uma jornada, apoiada em dois vértices. De um lado, temos a reconstituição de uma trajetória (magnífica, aliás) do jogador Pelé, ocupando, por intermédio de seu “legado” de imagens fantásticas, o principal do conteúdo e tempo filmado. Por outro

¹⁷ Apesar de indicações anteriores e conforme Elio Gaspari, foi em 29 de agosto de 1974, em discurso aos dirigentes da Arena, que se explicitou um compromisso e perspectiva de abertura, com as “palavras mais importantes da sua [de Geisel] vida: ‘lenta, gradativa e segura distensão’” (2003, p.459).

¹⁸ Sobre o tema ver: http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2321:catid=28&Itemid=23. Consultado em 05 de janeiro de 2013.

¹⁹ Disponível em: www.ibge.gov.br/.../00000007765203112012522606619383.xls. Consultado em 07 de janeiro de 2013.

lado, temos uma explicação de como isso foi possível. São vértices convergentes, na verdade. Correspondem a uma *tese* que parece conectar uma pré-disposição, uma potencialidade atlética incrível de Pelé (“capaz de se destacar em qualquer modalidade de esporte”; “dotado de coordenação muscular perfeita e reflexos instantâneos”) com uma obstinada e recorrente preocupação com treinamento e aperfeiçoamento (“aprimorou seus recursos naturais com obstinação”). A fórmula final fica mais ou menos assim: incomum capacidade atlética + aperfeiçoamento e treinamento contínuo = um jogador como nenhum outro, merecedor de admiração internacional.

Se lembrarmos de alguns dos pontos trabalhados pelos pesquisadores Salvador e Soares, teremos que os mesmos nos alertavam para o fato de que “estava explícito no imaginário da época” (referem-se ao que obtiveram a partir da análise de jornais durante a Copa de 1970) a “ideia de que o futebol no Brasil” lidava com a “combinação da criatividade, da autenticidade com a disciplina e conhecimentos científicos” (2006, p. 54). Euclides Couto, outro estudioso do tema, compartilha essa convicção, indicando que a “tônica jornalística (...) exaltava princípios como racionalidade (...) método e disciplina”. E completa: isso tinha a ver com “valores disseminados pela caserna” (2009, p. 82). Nisso era acompanhado por Marcus Oliveira, o qual também identificava tais valores a um processo de “militarização” da Educação física, cuja característica era uma “maior entrada da ciência do treino físico no campo do treinamento esportivo” (2009, p. 387).

Oliveira ainda chamava a atenção para o fato de que, nesse contexto, o esporte, e o futebol, é claro, foi considerado pelo regime como fator de “possível reconhecimento do Brasil no cenário mundial”, valendo o investimento que nele fosse aplicado (2009, p. 387). Relativamente a essa utilização ou vontade de utilização do futebol para a projeção de uma imagem positiva do Brasil, vimos que Fátima Antunes afirmava a constatação, para o início dos anos 70, de uma “associação entre a vitória futebolística e a elevação do Homem brasileiro e do Brasil” em “um país pujante e promissor” (2004, p. 288). Agostino, nesse mesmo sentido, defendia que o regime Médici (que se estende até março de 1974, período mais provável de feitura de *Isto é Pelé*) articulou “êxitos futebolísticos à imagem do Brasil potência” (2002, p. 158). Corroborando essa posição, Euclides Couto citava o próprio ex-

presidente Médici, em pronunciamento à nação, após a conquista de 1970. O mandatário máximo, à época, “identificava na vitória” a “prevalência de princípios” como o da “unidade”, da “capacitação técnica, da preparação física e da consistência moral”, mas “sobretudo (...) [da] harmoniosa equipe, em que mais alto que a genialidade individual, afirmaram a solidariedade coletiva”. Nisso Garrastazu Médici disse enxergar “a própria afirmação do homem brasileiro”²⁰.

Esse conjunto de menções bibliográficas e históricas teve o sentido de por em evidência o quanto todo o arrazoado de *Isto é Pelé* está profundamente vinculado a um “imaginário de época”, visível na “tônica jornalística” e que valoriza princípios de inspiração ou alinhamento militar calcados no “método”, na “disciplina”, na ciência aplicada ao treino esportivo. Esse é o contexto e o entrosamento com o tempo (o seu tempo) que podemos verificar no filme. *Isto é Pelé* está em diálogo com os termos ainda vívidos do início da década de 1970, esquadrinhados pelos autores mencionados.

Epílogo

O que podemos concluir destas notas? O filme parece nos dizer o seguinte: Vejam, mesmo Pelé, esse colosso de “reflexos instantâneos” e “coordenação muscular perfeita”, teve que superar a “improvisação” e potencializar “seus recursos naturais” com “obstinação”, técnica e disciplina. A narrativa fílmica, sem dúvida, nos remete ao orgulho nacional diante desse brasileiro a cujo gênio “todos se rendem” e diante do qual “todas as línguas” o glorificam. Pelé parece nos redimir. Temos aqui, a enfática superação de nossa *viralatice* sob forma de enunciado fílmico. Aciona-se e reafirma-se, no filme, a construção social do “país do futebol”, mecanismo pelo qual nos sentimos “distintos, únicos, singulares” frente ao mundo²¹.

²⁰ Transcrição de discurso proferido em rede nacional de rádio e televisão, e publicado no Jornal dos Sports, em 22 junho de 1970 (apud COUTO, 2009, p.167-68).

²¹ Ronaldo Helal (2011, p.28).

Não deveríamos, então, nós, os brasileiros e o país, seguir o mesmo exemplo? *Isto é Pelé* também parece querer dizer: isso pode ser o Brasil, com sucesso e reconhecimento internacional. A afirmação do homem brasileiro, identificada por Garrastazu Médici na vitória obtida nos campos do México, parece ser encontrada também aqui, nas telas nas quais se projetou *Isto é Pelé*. O que não deixa de ser curioso, uma vez que esse é um dos filmes que mais apresentou o futebol como jogo e ocupou-se exclusivamente de cenas e sequências diretamente relacionadas às partidas, aos lances, aos gols, às entrevistas de e sobre o futebol e sobre os jogadores (principalmente sobre Pelé, é claro), às concentrações etc. Ou seja, o filme que mais tratou de futebol foi aquele que mais claramente se articulou e se construiu conectado a toda uma linha de imaginação vinculada à vontade de uso do futebol para além dele mesmo.

Referências bibliográficas:

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer**. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2002.

ANTUNES, Fatima M. R. Ferreira. “Com brasileiro, não há quem possa.” – **Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário filho e Nelson Rodrigues**. São Paulo, Editora UNESP, 2004.

COUTO, Euclides de Freitas. **Jogo de extremos: futebol, cultura e política no Brasil (1930-1978)**. Tese de doutorado, FAFCH/UFMG, 2009.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Derrotada**. São Paulo, Cia das Letras, 2003.

HELAL, Ronaldo. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, ano 8 vol.8 n.21 p. 11-37 mar.2011.

MELO, V. A. **Garrincha X Pelé: Futebol, Cinema, Literatura e a Construção da Identidade Nacional**. In: MELO, V. A & DRUMOND, M. (orgs.). **Esporte e Cinema: novos olhares**. Rio de Janeiro, Apicuri, 2009.

OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. O Esporte brasileiro em tempos de exceção: sob a égide da Ditadura (1964 – 1985). In: PRIORE, Mary Del & MELO, Victor A. de. **História do Esporte no Brasil**. São Paulo, Ed. UNESP, 2009.

ORICCHIO, Luiz Zanin. **Fome de bola: cinema e futebol no Brasil**. São Paulo, Imprensa Oficial, 2006.

SALVADOR, Marco A. S. & SOARES, Jorge. G. **A Memória da Copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional**. Campinas, São Paulo, Autores associados, 2009.

SILVA NETO, Antonio Leão da. **Dicionário de filmes brasileiros**. São Paulo, Futuro Mundo Gráfica & Editora Ltda, 2002.